

# Famílias deixam o lixo no DF para plantar em Minas

*Ex-catadores engrossam acampamentos de sem-terra na região de Unai*

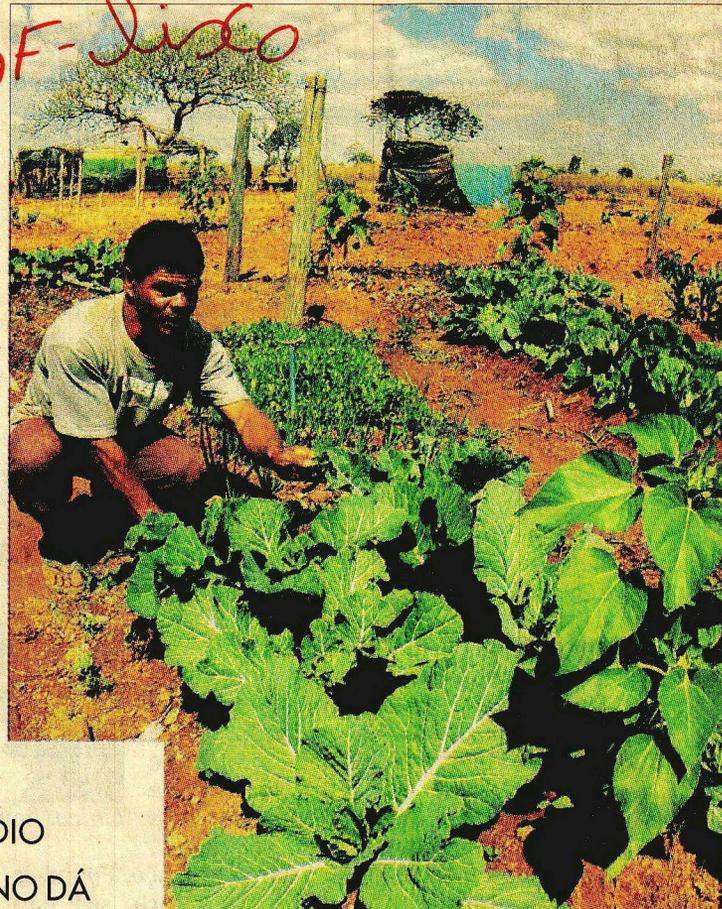
**U**NAÍ – O paraibano Jerônimo Cândido Virtuoso, de 40 anos, chefa as 240 famílias do Acampamento Índio Galdino, em Unai. O nome da área é uma homenagem ao pataxó queimado vivo há quatro anos por um grupo de adolescentes em Brasília, onde a maior parte dos acampados trabalhava catando lixo, antes de se mudar para o noroeste de Minas Gerais.

“Em Brasília não existe mais trabalho. Se você não tem diploma, peixada (*pistolão*) ou dinheiro, com certeza vai passar fome”, diz Virtuoso, que decidiu morar no campo na esperança de conseguir comida com mais facilidade. Ele planta uma pequena horta nos fundos do barraco onde vive com a mulher

grávida e três filhos.

Virtuoso fala com cautela da suspeita da polícia de que há criminosos infiltrados entre os sem-terra e apresenta sua versão para o mais recente episódio de violência na região, a destruição da Fazenda Nova Jerusalém, no distrito de Cabeceira da Mata, onde fica seu acampamento: “O fazendeiro provocou ao amarrar dois bois na fazenda e dizer que duvidava que os sem-terra iriam matá-los. O pessoal foi lá, matou bois e destruiu a fazenda.”

No acampamento, vive o também paraibano José Patrício, amigo de Virtuoso desde o tempo em que catavam lixo na Vila Estrutural, que abrigava o maior aterro sanitário do Distrito Federal. Patrício assegura não ver nenhuma evidência de que haja bandi-



Roberto Castro/AE

**ÍNDIO  
GALDINO DÁ  
NOME À  
TERRA**

*Virtuoso: ‘Em Brasília não há mais trabalho’*

dos atuando entre os sem-terra. Para ele, a maior parte dos acampados está preocupada apenas em garantir a sobrevivência.

No Complexo Barreirinhos, onde fica a fazenda destruída pelo Movimento dos Sem-Terra, um dos alimentos mais comuns é a farofa de sorgo – grão próprio para fazer ração de gado. (E.L.)

